

A Importância dos Vínculos Afetivos com os Pais e Professores no Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança

Marcelo Pelucio dos Santos¹ ; Luciana Cordeiro²; Sonia Petitto³

Resumo

O presente trabalho, realizado através de uma pesquisa bibliográfica para conclusão de especialização em psicopedagogia clínica, teve por objetivo buscar na literatura quais eram as possíveis consequências na criação dos vínculos afetivos ou a falta deles sobre a aprendizagem. Sob o enfoque piagetiano, mas sem desconsiderar o pensamento interacionista e com elementos da abordagem psicanalista, pode-se verificar de forma unívoca que a afetividade humana é considerada como fator preponderante para o desenvolvimento biopsicossocial. Encontrou-se respaldo para discutir sobre a dificuldade de aprendizagem estar associada às questões afetivas e justificar que: ensinar e aprender transcorre a partir de vínculos afetivos entre as pessoas. A psicanálise vê a construção dos vínculos com fundamental importância no desenvolvimento humano. Se todo indivíduo que nasce está predisposto a aprender, as pessoas com as quais convive certamente participam desse processo. Os pais ou cuidadores e professores são vistos nesse texto como elementos fundamentais que podem oferecer o afeto, criar e fortalecer esses vínculos e ensinar amorosamente para os enfrentamentos da vida.

Palavras-chave: Afetividade e Cognição. Desempenho da aprendizagem. Vínculos sócio-afetivos.

Abstract

The present work was realized through bibliographical research in order to conclude postgraduate degree in Clinical Psychopedagogy. The aim of this study was looking for in the literature what the possible consequences of the creation of affection ties or the lack of them about learning. On the Piagetian focus, but without disregarding the interactionist thought with elements of psychoanalyst approach, it was possible verified unequivocally that the human affectivity is considered as major factor of bio psychosocial development. We found supported for discussion about learning difficulties are associated to affective questions and justify that: teaching and learning take place through the people affection ties. In the psychoanalysis view the construction of affection ties is fundamentally important in the development of the human. If every individual is predisposed to learn, those people whose he or she lives certainly participates of this process. Parents, caregivers and teachers are considered in this work as a fundamental elements that can offer affection, create and strengthen this affection ties and learn lovely for live confrontations.

Keywords: Affection and Cognition. Learning performance. Social and Emotional Relationships.

¹ falecom@marcelopelucio.com.br –
<http://lattes.cnpq.br/3802443844029225>

² lucianaccavalcantisp@yahoo.com.br –
<http://lattes.cnpq.br/4776937364572796>

³ smpetiramos@gmail.com –
<http://lattes.cnpq.br/5503050256993844>

Introdução

Alguns indivíduos sucumbem sob as pressões da vida enquanto outros se saem bem. Será possível encontrar uma resposta para essas diferenças? O que faz uma pessoa chegar à vida adulta com desenvolvimento adequado das suas capacidades psicológicas, emocionais, intelectuais, cognitivas e sociais? O incentivo dos pais e professores auxilia no desenvolvimento? As privações de carinho e atenção, quando criança, atrapalham o desenvolvimento? Indagações como estas impulsionaram o presente estudo.

Na psicanálise encontramos alguns pressupostos, por exemplo, em Winnicott (1999; 2011), que corroboram na busca de respostas para estas indagações, possivelmente na demonstração que a família é importante para a formação do caráter e do desenvolvimento cognitivo da criança. Segundo o psicanalista, os bons laços afetivos com os membros familiares fortalecem o desenvolvimento, criando a possível construção de uma infância saudável e base para toda a vida. No entanto, somente a participação ou existência da família não garante esse desenvolvimento.

No pensamento de Vygotsky (1994), uma gama de transformações é necessária para a internalização da aprendizagem e todas elas estão vinculadas às relações sociais, embutidas nas relações familiares com os pais, e nas escolares principalmente com os professores.

Para Fernández (1991), os vínculos afetivos quando são estabelecidos nas relações humanas, possibilitam avanços substanciais nas questões cognitivas. A construção do mundo simbólico da criança é expandida com maior facilidade quando esse processo cresce de forma contínua e saudável. Segundo a autora, são exatamente os vínculos estabelecidos inicialmente com os pais que atuam no campo do pensamento e na forma como o indivíduo imagina e representa o seu mundo. Nesse sentido, entende-se que, para a criança é importante e fundamental o papel dos vínculos afetivos no núcleo familiar. E no decorrer do desenvolvimento, estes devem ser ampliados nos outros grupos sociais, e também na figura do professor que pode surgir com importância na relação de ensino e aprendizagem.

Desde a educação infantil existe a necessidade de envolvimento afetivo, para que o desenvolvimento cognitivo se desenvolva e estimule a criatividade. Segundo Kesselring (1993), é necessário receber recompensas afetivas do professor, através do elogio que se segue ao esforço e dedicação do trabalho realizado, recompensas que oferecem reforço e levam a criança na direção da formação de sua autonomia.

Baseado nas informações coletadas procura-se discutir e compreender a influência dos familiares e professores sobre o desenvolvimento das crianças. Atualmente, a

psicopedagogia ao desenvolver seus estudos na busca da compreensão do processo de aprendizagem humana, tem aprimorado instrumentos lúdicos, neuropsicológicos, psicométricos, entre outros. Através do olhar atento das dificuldades apresentadas por parte dos alunos, auxilia os pais, profissionais da educação e os próprios educandos na busca do crescimento pessoal. Oferece atenção individual para facilitar a construção do saber, porque, sabe-se que cada indivíduo aprende do seu modo particular.

A metodologia utilizada envolveu aspectos de caráter qualitativo e está caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, através de consultas em livros de autores das áreas da psicologia, psicopedagogia e pedagogia, que oferecem suporte teórico desta temática.

Foi trabalhada, neste texto, a importância dos vínculos afetivos na aquisição de conhecimento, os conceitos teóricos apontados, sua relevância e como podem vir a impulsionar a aprendizagem da criança, e também o desenvolvimento das funções psíquicas ligadas ao equipamento biopsicossocial.

Para tanto, identificou-se na literatura, os motivos pontuados pelos autores, necessários a formação de bons vínculos afetivos, que geram o equilíbrio emocional, psíquico e social; principalmente nos mais jovens, e como facilitam a aquisição de conhecimento ao longo da vida.

A qualidade das relações familiares e seu impacto sobre o desenvolvimento do ensino-aprendizagem

Afirmar que os pais exercem influência na educação dos seus filhos pode ser natural e fácil de demonstrar. A responsabilidade que eles têm pela criança e os fatores que podem influenciar o desenvolvimento intelectual e a aprendizagem são muitos; e o foco deste estudo são os vínculos afetivos.

A psicologia pré-natal estuda o comportamento e desenvolvimento evolutivo e psicológico-emocional do indivíduo antes do nascimento. Fatos ocorridos neste período recebem o registro mnésico, guardado somente no inconsciente influenciando a personalidade pós-natal, conduta e comportamento. O feto já é possuidor de inteligência, sensibilidade, traços de personalidade própria e definida, vida afetiva e emocional vinculada à mãe com comunicação empática e fisiológica, sente emoções de prazer e desprazer, dor, tristeza, angústia ou bem-estar. Reage com irritação quando se sente lesado, apresenta rudimentos de aprendizado, sofisticação do aparelho perceptivo e motor e crescente complexidade do aparelho mental. (PEIXOTO & AMORIM, 2007, *apud* NUNES, 2010)

Considerando como descreve Nunes sobre o texto de Peixoto & Amorim, a afetividade pode começar desde a vida intrauterina, e a criança ouvindo sons do mundo externo, talvez possa saber instintivamente decifrar a voz da mãe e do pai, presumindo que este seja presente durante a gravidez. Antes mesmo do nascimento, esse reconhecimento inicia as primeiras relações interpessoais, as quais podem oferecer a proteção que gera sobrevivência.

Algumas pesquisas apresentam que a vida afetiva começa ainda no útero da mãe, porém, não encontram respaldo em outros autores, tais como, Piaget (1973, 1977), e Winnicott (1999, 2011), que consideram os vínculos afetivos somente possíveis após o nascimento.

[...] A presença contínua da mãe (ou sua substituta), é condição necessária a essa realização altamente sofisticada, e a atitude da mãe deve comportar um elemento de estar atenta a ver e aceitar esforços imaturos feitos pela criança, no sentido de contribuir, isto é, à mãe reparar, amar construtivamente. (WINNICOTT, 2011, p.18)

A partir das considerações acima, percebe-se que a formação das estruturas afetivas se inicia muito cedo. Nessa fase, o indivíduo passa por um importante desenvolvimento emocional e tem as primeiras vivências de afeto da sua vida. Quando a mãe inicia a amamentação, é um momento muito mais carregado de emoção; e a forma como ela cuida do filho é fundamental para a inicialização de uma relação forte e saudável, que poderá futuramente intervir em outras relações. Tais relações serão aprendidas com os seus familiares, cuidadores e pessoas mais próximas nos primeiros anos de sua vida.

Na mesma obra Winnicott, diz que as relações emocionais que o indivíduo tem dentro do seu lar propiciam que ele desenvolva pensamentos e ideias conexas com sentido, além de permitir que o mesmo elabore frases, textos e que se expresse claramente através das suas palavras. O desenvolvimento desses aspectos abrange relações voltadas à segurança, apoio, compreensão e confiança. Segundo o autor, o indivíduo que estiver munido de um sentimento de capacidade e de motivação, consegue desenvolver ferramentas e meios para aprender.

Concordam Antunes (2005) e Wallon (1986), que, para haver aprendizagem, dois aspectos devem estar funcionando bem: o aspecto objetivo, ou seja, a inteligência (cognitivo) e o aspecto subjetivo (emocional e afetivo), conectados às relações vinculares desde o nascimento do sujeito. O aspecto afetivo influencia fortemente o desenvolvimento

intelectual, sendo capaz de acelerar ou diminuir o mesmo, e são inerentes aos sentimentos, desejos, interesses, emoções e valores em geral. O cognitivo está relacionado às habilidades mentais e cerebrais.

A aquisição do conhecimento é interdependente da construção do sujeito. Sendo o homem um ser social, a relação com os outros vai moldando sua identidade, que é construída desde os primeiros vínculos, exemplificando-se a seguir:

À medida que a criança se desenvolve, os esquemas tornam-se mais diferenciados, menos sensórios e mais numerosos; e a rede que eles formam torna-se incrivelmente complexa. Durante os primeiros meses de vida, um bebê tem alguns esquemas reflexos que lhe permitem fazer algumas poucas diferenciações no meio ambiente. Um adulto tem um vasto arranjo de esquemas comparativamente complexos que permitem um grande número de diferenciações. Os esquemas do adulto emergem dos esquemas da criança através de adaptações e organização. (WADSWORTH, 1997 p.18)

Segundo Wadsworth (*ibid.*), “Piaget entendeu a mente como dotada de estruturas do mesmo modo que o corpo.”¹ Diz ainda que o termo esquema foi utilizado “[...] para ajudar a explicar porque as pessoas apresentam respostas mais ou menos estáveis aos estímulos e sobre muitos fenômenos associados à memória.” Conclui o pensamento demonstrando que os esquemas fazem parte das formas estratégicas de desenvolvimento cognitivo ligado às estruturas mentais, e esclarece que a construção da inteligência está compreendida em sentimentos e energias neurais que participam na organização e desenvolvimento das estruturas neurológicas. As questões sociais e os interesses particulares são preponderantes na construção de esquemas, porque, segundo ele, essas estruturas mentais são inatas, ou seja, estruturas inerentes à raça humana; todos nascem com elas e tem potencialidades de desenvolvê-las. Esse desenvolvimento ocorre passo a passo da anomia, heteronomia até chegar à autonomia, que significa “ser capaz de”, ou seja, um indivíduo preparado e capaz de resolver e atuar independente dos outros, assumir para si a capacidade de escolha e tomar as próprias decisões.

[...] o desenvolvimento cognitivo é um processo coerente de sucessivas mudanças qualitativas das estruturas cognitivas (esquemas), derivando cada estrutura e sua respectiva mudança, lógica e inevitavelmente, da estrutura precedente. Novos esquemas não substituem os anteriores; eles o incorporam, resultando numa mudança qualitativa. (WADSWORTH, 1997, p.30)

¹ (Piaget, 1952, p.42)

Percebe-se, nesta passagem, que o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir de estruturas e esquemas anteriores e previamente estabelecidos, as mudanças na estrutura cognitiva dependem umas das outras, e se fosse possível enumerar e voltar uma a uma, talvez, chegaria à primeira demonstração de afeto produzido pela mãe na mais tenra idade da criança e na fração de segundo após seu nascimento.

Segundo Scoz (1994), a conduta que corresponde à criança ser acolhida, olhada, tocada, mimada, amada, refere-se no caso, da mãe que desde o nascimento tende a oferecer satisfação das necessidades básicas da criança, tais como: alimentá-la, mantê-la aquecida e cuidada, ou seja, resolver todas as suas necessidades básicas, além do carinho e atenção que o pai pode também oferecer.

Ackerman (1986), a experiência simples mostra que, nos domicílios onde se prima a boa relação entre pais e filhos, estes tendem a ser mais seguros em seus estudos, apresentando resultados melhores. Ao contrário de crianças que vivem em lares desorganizados, onde há uma abundância de desentendimentos e conflitos. Acredita-se que o sucesso na educação das crianças depende da harmonia entre a família, a aprendizagem e as emoções vividas entre os envolvidos nesse processo.

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização... Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão... O ato de inteligência pressupõe, pois, uma regulação energética interna. (PIAGET, 1977, p. 16)

Segundo Piaget a cognição está intimamente relacionada à qualidade dos laços afetivos que um indivíduo constrói ao longo de sua vida. Segundo esse pensamento, pode-se dizer que os laços afetivos com os pais ou cuidadores representam a base da sustentação e da formação de uma criança. Posteriormente, ao se deparar na escola com o professor, e estabelecer bons laços afetivos nas suas vivências, poderá solidificar as informações e instruções recebidas, transformando-as em conhecimento e desenvolvendo sua capacidade cognitiva.

Ao buscar compreender os vínculos afetivos e seu impacto na aprendizagem do indivíduo, focaram-se, inicialmente suas relações no contexto familiar, e como se processa o desenvolvimento infantil. Foram consideradas, por exemplo, as diversas variáveis no convívio familiar, tais como: proteção ou superproteção, cuidados ou descuidados, prazer ou

desprazeres, que no conjunto formam os comportamentos da criança; os quais estarão presentes na escola, podendo ou não impulsionar o rendimento. Quando são negativos, apresentam-se de modo geral, como: comportamento violento, fracassos ou evasão escolar.

Morales (2006) pontua a contrapartida entre o afeto, versus ambiente: estar próximo e conversar com as crianças, preocupar-se com o que elas fazem, dando relevância aos seus estudos e seu futuro profissional, manter uma atmosfera afetiva saudável e um bom relacionamento, demarcar limites, incentivando-as a participarem nas tarefas domésticas. É importante estimular as crianças para que colaborem com o professor, na escola em vários aspectos, dizendo que essa atitude ajuda a melhorar o desempenho acadêmico e desenvolver um comportamento socialmente aceito.

“Percebe-se, portanto, que existe aqui uma necessidade específica que o ambiente deve prover para que a criança possa elaborar e crescer.” (WINNICOTT, 2011, p.38). Estas condutas favorecem o desenvolvimento do sentimento de autovalorização, heteronomia e autonomia da criança, a qual será instigada a pensar sobre seu futuro e responsabilidades, focada sempre no que sabe fazer melhor. O pensar sobre seu futuro favorece os estudos, seu esforço de superação frente às dificuldades escolares do devir.

Torna-se necessário então, focalizar as contribuições da família no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças em idade escolar e analisar determinadas condutas, percebendo suas contribuições e suas consequências. (LEVISKY, 2000, p.20)

A criança que se encontra em idade escolar de acordo com a cultura, valores e crenças da sua família, apresentará variação no desempenho dos mais diversos aspectos, quer sejam escolares ou sociais.

“As crianças são melhores na escola quando o clima familiar é de união, cooperação e cordialidade. Associadas ao progresso escolar estão: a autonomia, as regras e as rotinas” (CHALITA, 2004, p.17). Ou seja, aquelas que recebem segurança, apoio e incentivo e possuem lares mais equilibrados, provavelmente terão mais sucesso na sua vida escolar, pois a autoestima estará elevada ao ponto de acreditarem em suas capacidades de aprender e desenvolver os conhecimentos que serão transmitidos na escola.

[...] crianças consideradas bem controladas por professores e pais pareciam se comportar na escola de maneira socialmente apropriada e não-agressiva e tinham tendência a ser relativamente populares, a procurar contato social e a ser socialmente seguras. Em acréscimo, eram tidas como boas alunas na parte acadêmica. Além disso, as crianças que os professores diziam ter

emocionalidade negativa alta, e que enfrentavam dificuldades de maneira não-constructiva, apresentavam baixa qualidade de relacionamento social na escola. (SALOVEY E SLUYTER, 1999, p.179/180)

Seguindo o mesmo raciocínio, as crianças que ao se comportarem conforme o esperado em sua rotina familiar e serem elogiadas pelos pais, ou em outros momentos criticadas e corrigidas quando fazem o contrário, aprenderão a aceitar melhor as determinações impostas pelos professores como figuras de autoridade e detentores do saber. Esse comportamento gerará também maior adaptabilidade aos outros meios sociais e possivelmente trará maior desempenho acadêmico.

Winnicott (1999), diz ainda que os pais que constroem um lar organizado, promovem uma relação de cuidado e afeto com seus filhos, garantindo portanto, um contexto em que a criança encontre a si mesma e ao mundo, numa relação operativa. Munidas de base emocional proveniente do seio familiar, as crianças estarão prontas para resistir com mais força e determinação contra sentimentos que possam vir a desanimá-las no cotidiano escolar, e saberão recorrer por auxílio quando necessitarem.

[...] para entendermos melhor a relação que a família vai estabelecer com uma outra instituição de equivalente importância na vida das crianças. Muitos problemas de aprendizagem ou dificuldade de adaptação da criança na escola, têm origem no universo familiar e nas expectativas dos pais sobre os filhos com relação ao aprender, e tem a ver com valores, ideologias e segredos do grupo familiar. (WEIL, 1966, p. 54)

As expectativas dos pais, se influenciarem de forma negativa o processo de aprendizagem de seus filhos, podem refletir as questões de transferência e contratransferência descritas na abordagem psicanalítica da psicologia (características positivas ou negativas ocorridas na relação terapêutica) neste caso, nas relações familiares e em seguida do professor-aluno. Essa perspectiva pode, na modalidade positiva, estreitar os laços afetivos ou no campo contrário, promover a resistência, antipatia ou agressividade, ansiedade ou sofrimento na criança, ainda que de forma inconsciente, pode atrapalhar o seu processo de aprendizagem.

Para Antunes (2005), se por um lado, a ausência dos pais afeta o desenvolvimento das crianças, por outro, o excesso de cuidados também atrapalha. A superproteção da criança por parte dos pais faz despertar nela um sentimento de dependência, de não ser capaz de fazer as coisas. Assim, ela sempre poderá pensar que não adianta estudar para se sair bem nas provas, e de forma análoga para crescer profissional e socialmente. Esse é o sentimento provável de uma criança ao ser superprotegida pelos pais.

Os pais são referências para seus filhos, e por isso precisam ter consciência e discernimento ao prepará-los para a vida. Se houver uma atitude oposta e somente superprotegem, esses, ao entrarem na escola com o regime de igualdade do tratamento, podem se transformar em verdadeiros problemas com dificuldades de adaptação. Essas crianças podem se tornar tímidas, retraídas ou rebeldes, e muitas vezes não aprenderão satisfatoriamente, por apresentarem supostamente o desenvolvimento de dependência patológica dos pais, para: pensar, decidir e escolher entre outras dificuldades de adaptação.

Dar carinho quando é necessário, louvar o esforço da criança ao agir certo é atitude de muitos pais, que conseguem com isso, que os seus filhos cresçam num ambiente feito de compreensão, calma e respeito humano. A educação dada por estes pais, antes de tudo, poderá desenvolver na criança o senso de responsabilidade e de limite, preparando-os para a próxima etapa: A vida escolar.

Os vínculos afetivos entre alunos e professores e o processo de ensino-aprendizagem

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma, é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem. (DANTAS, 1992 p. 85-86, *apud* LEITE e TASSONI, 2013, p.5)

Como já vimos, desde o nascimento, os impulsos emocionais e laços afetivos são criados entre as pessoas, como manifestações afetivas capazes de proporcionar o acesso da criança ao seu mundo simbólico, o que leva-nos a refletir se a afetividade é o que possivelmente proporciona a fonte dos conhecimentos do ser humano. Percebe-se, então entre a afetividade e a inteligência, o caminho para o equilíbrio psíquico, juntas proporcionam condições para que o indivíduo evolua continuamente. Nesse mundo simbólico, quanto maior for o potencial relacional, mais desenvolvida tendem a serem as funções cognitivas, responsáveis diretas pela aquisição da aprendizagem.

Os diversos teóricos estudados e citados, em linhas gerais, sugerem que, nos mais diversos fatores, a família exerce importante papel sobre o processo de aprendizagem e os bons laços afetivos criados desde o nascimento, podem preparar o indivíduo para a fase escolar. Ao chegar esse momento, haverá uma figura muito importante: o professor.

São muitos os estudos e pesquisas realizados sobre as características do professor ideal, segundo os alunos. Desse tipo de estudo emergem duas grandes categorias de traços ou condutas: alguns dizem respeito à *competência* do professor para ensinar, controlar a classe; outros, ao seu *relacionamento* com os alunos (por exemplo: é compreensivo, paciente, está disponível para ajudar, etc.). Conforme a idade e as circunstâncias dos alunos e da situação, costumam aparecer imagens distintas, quase nunca diferente das demais, mas o suficiente para se fazerem notar. (MORALES, 1998, p.31)

Segundo Morales (1998), as habilidades e competências do professor extrapolam suas competências acadêmicas, e o contexto das interações professor-aluno, como o relacionamento que ocorrem dentro e fora da sala de aula, importam na percepção que seus alunos têm sobre as questões acadêmicas. As crianças entram na escola e novos relacionamentos são construídos com os colegas e colaboradores da instituição; porém, o professor desempenha um papel fundamental e capaz de influenciar, positiva ou negativamente seus alunos.

Existe muita discussão acerca do papel que o professor desempenha na aprendizagem do aluno, e como essa atuação interfere no comportamento, desenvolvimento e entendimento sobre o ensino.

É importante considerar que na diversidade e complexidade do trabalho do professor os aspectos, tais como: sua formação e como ele estabelece as relações no âmbito escolar, precisam ser vistos. Um professor que não tem estrutura e nem está bem consigo mesmo dificilmente consegue atuar adequadamente nessa parte afetiva. Pensando na necessária atuação do docente percebe-se que o contexto profissional é muito mais complexo do que ele próprio imagina.

No pensamento sócio-interacionista de Vygotsky (1994), está em pauta a mediação e internalização dos esquemas, como pilares de sustentação para a aprendizagem. O autor defende que a interação com o ambiente e com as pessoas constitui a base para a aquisição do conhecimento. Sem a interação sociocultural da criança, o desenvolvimento pode ficar comprometido. Quanto maiores os laços sócio-afetivos entre professor e aluno, melhores são os processos de aquisição do conhecimento, embora a função principal do professor de promover a aprendizagem, não possa estar relegada ao segundo plano da sua função social perante o aluno e a sociedade.

Para Ackerman (1986), é necessário que os professores tenham uma formação solidificada de forma ampla para que possa entender o sujeito (ensinante, aprendente e afetivo), a fim de serem capazes de realizar uma transposição didática adequada às quais se transformarão em conhecimentos para os seus alunos.

Um professor com pouco desejo terá pouca ou nenhuma possibilidade de provocar vínculos afetivos fortes e saudáveis. No contexto escolar, o professor tem um papel análogo ao desempenhado pela família e influenciará nos traços da personalidade e do caráter que são construídos a partir das relações que uma pessoa vivência.

[...] Não estamos nos distanciando daquilo que mais diretamente corresponde à nossa tarefa docente, que consiste em ajudar o aluno em sua tarefa de aprender os conhecimentos e habilidades que correspondem às nossas matérias. Sabemos por experiência própria, que o aprendizado não é um processo meramente cognitivo ou intelectual. O *modo como nos sentimos* influi poderosamente, em *como e quanto* aprendemos. Ignorar essa dimensão emocional não conduz a nada e, além disso, prestar atenção ao *âmbito afetivo* dos alunos, pode melhorar o aprendizado convencional das matérias. Dá impressão de que essa atenção ao âmbito afetivo da sala de aula é mais convincente no ensino fundamental e médio, mas a verdade é que os sentimentos interferem em um aprendizado eficaz em qualquer idade. (MORALES, 1998, p.140)

Neste sentido, Morales discute a necessidade do professor entender o aluno com profundidade e atuar dentro do contexto cognitivo e afetivo; dando importância relevante na afetividade um como aspecto fundamental do desenvolvimento. Seu papel na vida do educando é muito importante e pode influenciar diretamente as atitudes do discente. Precisa ser cauteloso e estar preparado suficientemente no trabalho de educar, porque, a influência pode ser positiva ou negativa, e cabe ao professor essa responsabilidade.

Segundo Freire (1996, p. 28), “[...] saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, isso se dá no relacionamento estabelecido entre professores e alunos e no fortalecimento dos laços afetivos que constroem mutuamente.

O professor entenderá sua tarefa como uma contribuição à formação de um ideal que tem uma função reguladora, normatizante, e fundará aí sua autoridade. Sua missão será submeter seu aluno a essa figura de mestre. Nesse caso, a Educação fica subordinada à imagem de um ideal estabelecido logo de início pelo pedagogo[...] Só o desejo do professor justifica que ele esteja ali. Mas, estando ali, ele precisa renunciar a esse desejo [...] Da visão psicanalítica decorrem as seguintes posições: Ao professor, guiado por seu desejo, cabe o esforço imenso de organizar, articular, tornar lógico seu campo de conhecimento e transmiti-lo a seus alunos- (KUPFER, 1988. p.93)

As questões transferências ficam evidentes nas palavras de Kupfer, o professor tem seu poder como pedagogo e detentor do saber, dessa forma ele se torna, segundo a autora, importante para o aluno que será ensinado e influenciado inclusive nas suas crenças.

Professor e aluno selam um pacto velado, para se protegerem mutuamente. O professor se protege de submeter sua autoridade e sua competência aos questionamentos dos alunos; ao mesmo tempo. Protege-se da autocrítica. [...] os alunos se protegem da evidência da própria ignorância. Confirmando as expectativas do professor[...] (MORGADO, 1995, p.124)

As questões transferências ficam evidentes nas palavras de Kupfer: o professor tem seu poder como pedagogo e detentor do saber, dessa forma ele se torna, segundo a autora, importante para o aluno que será ensinado e influenciado, inclusive nas suas crenças.

O bom professor é o que consegue enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de pensamento. Sua aula é assim um desafio, e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96).

Ensinar é uma ação, que se for feita com verdadeiro prazer, pode criar um processo de aprendizagem baseada no diálogo, e a partir dele gerar êxito no relacionamento, solidificando no transcorrer das aulas e dos períodos letivos. Nessa conduta, as liberdades, de modo geral, ficam asseguradas e as relações afetivas consolidadas.

Em todos os níveis, o egocentrismo intelectual (cognitivo e afetivo) é fundamentalmente posto em xeque, em função do confronto com as ideias de terceiros. Embora a construção do conhecimento ocorra na mente da criança, ele ocorre em um contexto social, sempre necessário para que qualquer construção aconteça. (WADSWORTH, 1997 p.160)

É possível afirmar que a aprendizagem ocorre em diversos âmbitos da vida. Normalmente é mediada e está relacionada ao convívio social e atividades que a criança participa. Também ocorrem as relações humanas, e de acordo com a qualidade do relacionamento, podem impulsionar ou retrair o desenvolvimento e aprendizagem.

“Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (FERNÁNDEZ, 1991, p.52). O professor que conquista a confiança do aluno, mantém sua autoridade em sala de aula enquanto uma amizade sincera

e respeitosa se desenvolve. A proximidade entre professor e aluno pode criar maiores possibilidades de aprendizado, proporcionar um ambiente saudável e ajudar a amenizar sentimentos de ansiedade.

De acordo com o que diz Weil (1966), cabe ao professor conquistar um vínculo amistoso com seu aluno. Quanto mais respeitosos forem esses laços entre o educando e seu mestre, maiores são as chances de encontrar o caminho do saber. Realmente é muito difícil ser um bom professor quando não se tem nenhum tipo de contato com seu aluno. Cada criança pode aprender com as experiências, e juntamente com elas estão os sentimentos, emoções e desejos. Percebê-lo como um indivíduo que possui um sistema (social, comportamental e afetivo), em desenvolvimento, pode auxiliar na construção das suas capacidades através das práticas pedagógicas.

A relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Além disso, embora estejamos enfatizando a relação do professor com os alunos (o professor é o sujeito principal, aquele que de alguma maneira inicia a relação), os alunos também influem no professor que dá a deixa: a relação que o professor inicia influi nos alunos, os quais, por sua vez, influem no professor e reforçam determinado estilo de relação professor-aluno. (MORALES, 2006. p.49)

O professor deve conhecer cada aluno de forma singular, respeitando suas particularidades, individualidades e buscar instrumentos que favoreçam sua aprendizagem. Deve desenvolver a coragem necessária para que seus alunos sejam capazes de alcançar a maior autonomia possível. É necessário que o educador saiba administrar os conflitos e emoções demonstradas pelos alunos, trazidas do seu mundo interno.

São conteúdos que, extrapolando os já cristalizados pela prática escolar, o educador progressista, principalmente, não pode prescindir para o exercício da pedagogia da autonomia aqui proposta. Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. (FREIRE, 1996, p.10)

Toda criança tem direito para que os vínculos sejam protegidos e as referências afetivas preservadas. Para garantir que esse direito seja atendido, existem estratégias pensadas e embasadas nas leis, mas as discussões e complexidade desse assunto são grandes e extrapolam as questões legais.

Segundo Paulo Freire (1996), a importância do desenvolvimento satisfatório na etapa da vida escolar, na qual, as chances de construção da autonomia, através do enfrentamento das situações adversas geram a segurança e as relações afetivas, têm um papel importante. Os cuidados oferecidos contribuem na construção de novos vínculos que geram confiança em si mesma, tanto em relação às outras pessoas a sua volta, quanto da sociedade como um todo. Para o autor, desenvolver a autonomia eleva a autoestima, ajuda no controle dos impulsos e proporciona a capacidade de contornar as angústias e frustrações. O campo da pedagogia tem autoridade e compromisso de oportunizar generosamente o caminho pelo qual o indivíduo pode chegar à sua autonomia e seguir na vida adulta, livre e capaz de fazer suas escolhas reconhecendo-se através de sua identidade cultural, atendidos aos seus desejos e necessidades.

[...] porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 159)

No trecho acima, é possível dizer que o autor entende o papel do professor além das questões meramente pedagógicas e além dos rigores dos projetos educacionais. O professor precisa oferecer as possibilidades aos alunos, através de uma prática humanista, para que desenvolvam a capacidade de colocar-se no lugar do outro.

“Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (MORIN, 2000, p.92). No processo de empatia, quando o aluno aprende a se colocar na posição do outro, na linha de pensamento do autor, a criança passa a identificar-se, possivelmente, através da imagem que constroi do professor e gerando uma projeção pode estar mais próxima, aceitando seus ensinamentos e absorvendo o conteúdo, porque está aberta e receptiva.

Para Bossa (1994), é preciso pensar na escola não somente como um lugar ou de produção e de divulgação do saber, mas também, como um espaço de intercâmbio de relações, isto é, de aprendizagem social, onde os processos de aprendizagem presentes nos diferentes espaços sociais precisam ser individuais e valorizados. A tragédia dessa geração pode vir a ser registrada no futuro, pelo excesso de testes altamente padronizados

nas escolas, pois, criam um ambiente de muita competição e estresse. Segundo o autor, caso o aluno não seja “tocado pelo afeto do professor”, deixa de desenvolver outras habilidades, tais como a empatia além das competências acadêmicas, e que poderiam ser desenvolvidas, tornando-se motivo de orgulho e sucesso.

Considerações Finais

Conforme se pôde ver nas exposições estudadas sobre o assunto, a afetividade é necessária para a aprendizagem, inicia-se na família e se estende para outros contextos sociais, conforme a criança se desenvolve e tem acesso aos grupos escolares e sociais.

Desde o início da vida do bebê e no transcorrer do seu crescimento, é importante pegar, abraçar, falar, oferecer o contato pele-a-pele, dar beijos de boa noite, além de promover as atividades, tais como: esportes, desenho, leitura, jogos, entre outros. Os gestos afetuosos dos pais são essenciais para a saúde emocional, psíquica e social dos filhos. Quando uma criança recebe cuidados que vinculam com a linguagem, física e verbal de modo direto ou indireto, ela pode vir a reconhecer mais cedo a autoridade dos cuidadores e gerar um vínculo respeitoso e forte, necessário a promoção de sua autonomia.

O clima emocional que se estabelece em um lar, depende muito do relacionamento entre pais e filhos. A harmonia do familiar e o tratamento amoroso dispensado aos filhos, mesmo que existam diferenças no tratamento entre eles, são elementos para a obtenção deste quesito.

Percebe-se que a falta ou excesso de vinculação afetiva familiar pode também gerar dificuldades para a construção de novos vínculos. Ainda, pode-se observar como o núcleo afetivo e funcional normalmente promove a formação do sujeito e o seu êxito. No processo educacional há uma suposta dependência, do que constitui o berço da cultura reconhecido como base de toda a sociedade ou um marco da vida social: A família. Portanto, oferecer de forma bem sucedida, apoio, carinho e educação, induz ao comportamento produtivo e criativo, quando na vida adulta em todos os contextos.

O desenvolvimento emocional que começa na família se perpetua e oferece à criança elementos que facilitam a construção de sua autonomia, oportuniza a capacidade de pensar sozinha, refletir e chegar às soluções mais favoráveis para seus questionamentos. Quando esse desenvolvimento não acontece, essa criança dificilmente será independente e não apresentará um espírito crítico e autoestima elevados.

Se existem falhas significativas nas relações afetivas familiares, a criança terá maior probabilidade de não conseguir se relacionar bem no ambiente escolar, principalmente com o seu professor, que é o principal estimulador de aprendizagem dentro da escola e precisa criar um vínculo de confiança e acolhimento.

É importante ressaltar, que o processo de ensino-aprendizagem depende também do tipo de vínculo que se estabelece entre professor e aluno. O bom professor é aquele que está preparado para viabilizar ações que levem o aluno a estar disponível para aprender. Além da atenção, cuidado e afeto, mantém uma postura de liderança, voltada nas questões pedagógicas como centro das atenções. Oferecer esse conjunto de elementos pode garantir os bons vínculos professor-aluno, e levar esse mestre a ser “escolhido” pela criança como “quem ensina”.

A construção cognitiva ou intelectual passa de certo modo pelas construções afetivas, e se não é responsável unicamente pela construção cognitiva, ao menos, possivelmente pode ser capaz de acelerar ou retardar os processos de aprendizagem.

Na escola, o professor bem preparado será aquele que atuará como intermediário entre o aluno e o conhecimento. Sua condução profissional promove um conjunto de fatores potencializadores do desenvolvimento do educando, para que, este ao chegar à vida adulta seja considerado “normal”, tenha confiança em si próprio e entenda a dinâmica social. Esses itens são relevantes nas questões éticas e morais, além de ajudar a acumular conhecimentos que proporcionam condições de ter uma vida independente e com sucesso pessoal, social, profissional e emocional. No momento certo, depois de assumirem o papel de profissionais mediadores do desenvolvimento e aprendizagem, cabe ao professor abrir mão dessa posição de destaque, para dar a oportunidade aos seus alunos de serem sujeitos genuinamente autores de suas próprias vidas.

Considera-se uma lacuna desse presente trabalho o fato de não se ter discutido com profundidade sobre as questões dos vínculos afetivos de forma mais expansiva. Nestes termos poderá haver, no futuro, uma forma de abordar as relações de poder do trinômio (família – aluno – professor) que ultrapassam ao senso comum e podem ser discutidas no âmbito metodológico, teórico e contextos sociais através de trabalho específico e com o rigor das atividades acadêmicas.

Referências

ACKERMAN, N. W. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ANTUNES, C. **A linguagem do afeto**: como ensinar virtudes e valores. Campinas: Papyrus, 2005.

BAPTISTA, M. G. A. **A concepção do professor sobre sua função social**: das práticas idealistas à possibilidade de uma ação crítica. Tese de Mestrado, João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/ppge/teses/teses08/maria%20das%20gra%c7as%20almeida%20baptista/tese-maria%20das%20gra%e7as%20de%20almeida%20baptista.pdf>> acesso em: 04/04/2014.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de Aprendizagem**: O que são? Como tratá-las?. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **A Psicopedagogia no Brasil**. contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. 4. ed. São Paulo: Gente, 2004.

CIFALI, M. **L'Infini éducatif: mise em perspectives**. In: *Les trois métiers impossibles*. Paris: Édition Les belles lettres, 1987. N. T. – Tradução de Marcelo Ricardo Pereira (UFMG) e revisão de Eliane Marta Teixeira Lopes (UninCor). Texto originalmente publicado em Le Portique, Revue de Philosophie et de Sciences Humaines, Strasbourg, n.4, 1999. Educ. rev. vol.25 no.1 Belo Horizonte Apr. 2009 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982009000100008> Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982009000100008&script=sci_arttext?> acesso em: 10/04/2014.

FERNÁNDEZ A. **A Inteligência Aprisionada**. 2ª reed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia de Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

KESSELRING, T. **Jean Piaget**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1993.

KUPFER, M. C., **Freud e a Educação**: o mestre impossível. São Paulo: Scipione, 1988.

LEITE, S. A. S e TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor, 2013. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SAS-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>> acesso em: 04/04/2014

LEVISKY, R.B. Possíveis relações entre psicodinâmica familiar e o processo de aprendizagem. Psicopedagogia- Avanços teóricos e práticos – escola família- aprendizagem. in **Anais do V Congresso Brasileiro de Psicopedagogia**. São Paulo: Vetor, 2000.

- MORALES, Pedro Vallejo. **A relação professor-aluno**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- MORGADO, M.A. **Da sedução na relação pedagógica**: professor-aluno no embate com afetos inconscientes. São Paulo: Plexus, 1995.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF, 2000.
- NUNES, Patrícia Alexandra Oliveira. **Experiência auditiva no meio intrauterino**. jan.2010
Publicação de artigo científico. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0157.pdf>> acesso em: 09/03/2014.
- PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**: ensino sobre as relações orgânicas e o processo cognoscitivo. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SALOVEY E SLUYTER, **Inteligência emocional da criança**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WADSWORTH, J. Barry. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**: Fundamentos do construtivismo. São Paulo: Pioneira, 1997.
- WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.
- _____. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WEIL, Pierre. **Relações Humanas na Família e no Trabalho** 21. ed., Brasília - DF: Pindorama, 1966.
- WINNICOTT, Donald W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.